



Victor Manuel, rei de Italia

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 237

Braga, 12 de Janeiro de 1918

Anno V

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestalios, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcabala.

Padres e vs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este conc. de subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou contingencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

V A G O

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finemente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

V A G O

ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos P. Pelxoto.

Braga, 12 de Janeiro de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 237—Anno V



Principe de Galles

Cepitão do exercito britanico que se encontra nas linhas italianas

CHRONICA DA SEMANA

Frio, boatos, e eleições



OS primeiros clamores nas igrejas *ad petendam, pluviam* para a terra queimada dos nevões e das geãdas, eis que de lés a lés um nublado cinzento se intornou pelo céo, apagando o sol, sujando o azul, afogando os panoramas, e a chuva cahiu soprada em lufadas de ventania brava. De noite, aqui, em frente do mar os sibilos roucos casam-se por vezes ao grito largamente, tristemente alarmado das sereias do porto, e toda a planura relvosa que desce d'esta extrema da cidade até ao mar toma as crassas côres da cerração. A terra vae fartar-se. Hoje de manhã ao olhar para o meu jardim já me pareceu vêr surgirem dos canteiros umas pobres folhilhas de flôres que o frio havia enregelado e ameaçado mirrar... como alguns pobresinhos que a policia levou enteiriçados d'uns portaes de palacêtes onde havia o calor artificial dos fogões de marmore e uns risos felizes de creanças.

O norte e as Beiras tiveram este inverno a visita da neve, e os olhos meridionaes do nosso povo, que a policromia das côres afaga e entontêce por vezes, ruivaram—que lindos, que lindos são os campos de branco vestidos e as montanhas pondo sobre a corcova uma pelle de arminho!—a inédita transmutação da paisagem portugueza... os rios geiados, o sol vibrando flechas de luz no espelho rijo das crostas de neve sobrepostas no espalhar dos valles!...

Os jornaes dedicavam largas columnas aos telegrammas noticiando o embaixamento de temperatura e aos nevões intensos. Também, só elles e os alarmados boatos correntes em Lisbóa os occuparam. Que pena não haver o frio enregelado as linguas dos gageiros mentirosos da politica!

Eu torno a dizer que não acredito no exito d'uma revolta democrática, muito embora aquelle meu amigo ha dias me chegasse surrateiro, assumprando:

—Isto vae mal, meu caro. Ha bocado um democratico disse-me ter lido uma carta do Scévola prometendo a revolução d'aqui a dias!

Ri-me e por meu turno aconselhei-o a que estivesse descansado, convencido de que uma contra-revolução não toparia hoje uma maioria de covardes no exercito e que se luctaria com honra pela liberdade commum. O boato porém, ainda insiste. Rocha Martins, o d'Artagnan emplumado do jornalismo realista, uma alma de revolta servindo

a causa da realeza, rotalhava hontem os medricas—retalhava-os e corria-os a pontapés. Porque o boato é o medo, não é Tartarin, é o poltrão, dizia elle cheio de verdade. Tartarin era, no fim de contas, um valente. O boateiro é um apavorado, servindo á maravilha, o partido esmagado em 5 de dezembro, partido que não duvido que esteja conspirando, mas que amanhã poderia fazer sahir das casernas uma onda de soldados sem piedade alguma para elles dava que os officiaes revolucionarios dos regimentos o quizessem; e que vae montando a sua máchina eleitoral para as Constituintes.

No fundo, elle mesmo não crê n'outra arma, e prepara-se para a manejar com vantagem.

Este periodo da politica, a conducta dos sequazes da oligarchia dominada, devem sêr faceis de examinar pelos historiados de amanhã porque o democratismo pode atirar para a urna com a clientella commercial que enfartou, e á qual pertence notavel numero de monarchioos. A eleições serão para elle uma sentença decisiva. Triumpha? Arranca uma minoria numerosa? Destruiu a revolução. No caso contrario, só lhe resta ir comer tranquillo o que pôde arranjar nos sete annos de poder sem *contrôle* o sem perus.

Se eu fosse ministro do interior, a estas horas tinha amalgamado os conservadores da esquerda n'um bloco eleitoral que tiraria aos vencidos os ultimos sonhos. Pensarão assim os catholicos, os realistas, os republicenos ao centro da direita? Só o desejo... A revolução da Rotunda, ha um mez, ficará incompleta sem a revolução nas urnas. Não pode haver, outro pensamento senão este. Metter dentro d'elle o partidarismo, é adulteral'o, é perder, é ficar derrotado antes da batalha—trate-se de regimens ou tracte-se de part dos.

O governo será tudo o que aos descontentes eternos aprouvér, mas não ha outro.

... Ante-hontem recebia eu uma carta de Lisboa. Abri a despreocupadamente, suppondo trazer apenas para o jornal, notas politicas. Trazia alguma coisa máis: *a de um golpe terrivel para a soberania portugueza d'além mar.*

E em horas como esta, leitor amigo, quem não se unir para reaver o que é seu, fica roubado, e como o labéu d'uma deserção que cem balas não castigariam na esplama d'uma fortaleza!

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Carta a X...



OM que então pittoresco X... pręga vocę do alto do seu patriotismo vermelho, que os monarchicos devem ajudar este governo e que sō mais tarde, quando o campo republicano estiver inteiramente destravado de asperezas e o caminho desentulhado de barrancos deverão proseguir na sua propaganda e nas suas reevindicações. Phenomenal criterio o d'este revolucionario palrador, que seria criminoso se não fosse positivamente imbecil. Mas como a algaraviada calla no commodismo de certos Accacios e pesa e repesá na decisão de certos arrangistas convém que X... tenha a merecida resposta.

Que extranha noção de patriotismo posuem esses arrevesados messias (e o *m* pequeno não é dos typographos mas muito e muito meu), para o converterem no *vade mecum* de todas as conveniencias, no esfalfado *pivot* de todos os interesses, a ponto tal que se armam e desarmam em exclusivos detentores da verde rubra panacea, X... desvaira quando affirma que os monarchicos lucraram com a derrota estrondosa da demagogia.

Ora, se pessoalmente a sua situação mudou, porque é de prevêr—pelo menos, n'estes primeiros tempos—que não sejam espingardeados como feras, enxovalhados e roubados, como foram, sem revolta de ninguem, n'estes longos sete annos, partidariamente a sua situação mantem-se invariavel. Por patriotismo, que não é o interesse d'um bando mas o amor d'esta linda e desgraçada terra, os monarchicos abateram galharda e nobremente as suas bandeiras, durante o periodo de guerra, e lealmente se tem mantido n'uma nobre attitude, pois sem a menor responsabilidade no desvario da nossa espontanea intervenção, curvaram-se perante os factos consumados sem recorrerem aos processos violentos de que se serviram os seus correligionarios pittoresco X... que d'uma grave questão d'ordem internacional, fizeram a plataforma do movimento insurreccional, de 31 de janeiro, o altivo *gesto precursor*, como soe chamar lhe, em calão historica, a turba vermelha dos chronistas da sua republica.

Mas vocę X... acha ainda pouco e quer agora que o partido monarchico se abstenha submisso, nas proximas eleições e que á custa da sua força, o governo possa gisar o seu talente um parlamentosinho de reformistas, camachistas e recém-nados partidarios

do sr, Egas Moniz, que aguentem a desconjuntada caranguejola republicana. Ora tenha paciencia, para não dizer juizo, e covençasse de que ninguem será capaz d'escorregar para semelhante esparrella... Se os monarchicos tem a força, se conquistarem á bocca das urnas a maioria a que tem direito, os senhores, que se dizem paladinos da liberdade, que querem—suprema ironia!—satisfazer os desejos da nação, poderão arrogar-se o direito de suffocar essa corrente, de amordaçar a voz d'uma nação inteira, em beneficio d'uma pequena grey!? Mas a republica periga dirão afflictos os seus correligionarios e o sr. X... que se diz patriota, os varios XXX, que consigo clamam liberdade, pensarão sōmente em aguentar um regimen que o paiz não quer, um systema politico que sō convém, para uso e abuso proprio. Mas então onde o seu patriotismo? Para onde relegaram o amor á patria e o desejo ardente do seu bem? Por patriotismo devem os monarchicos, que são a maioria, agacharem se n'uma passibilidade criminosa e o mesmo patriotismo não se obriga, aos senhores, —(que muito embora lhes pesarão uma minoria insignificante), a deixarem que ás urnas proclamem livremente a suprema vontade do paiz,

Eu admitto, que mantendo o actual governo uma certa lisura de processos, posam os monarchicos, dada angustiosa situação que atravessamos, auxilia-lo lealmente em pontos concretos d'ordem publica, economica e internacional, mas reservando inteira liberdade para a sua acção politica, mantendo-se intemeratos no seu posto, d'onde, na hora d'inquietações em que vivemos, uma deserção seria mais que uma cobardia, um crime de lesa-nacionalidade.

Mas X... não quer perder a sua republica e já vês que todos os meios serão nobres para evitar que os monarchicos tomem d'assalto as proximas constituintes.

Por isso eu lhe dizia na primeira carta, que o sr. Sidonio Paes não tardaria em chocar para uso dos pseudos-conservadores vermelhos, uma formiga... cinzenta.

E já vê que me não enganei... Cumpram os senhores o seu dever que nós monarchicos, como sempre o saberemos cumprir mas não nos peçam nem baixezas nem imbecilidades... Porque os ventos mudaram e... mudaram de vez.

SERÕES AMENOS

IX (vide Serão XIV)

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

Aventuras do alphabeto

PERSUADIU-ME a escrever este artigo a contrição por uma injustiça que fiz ha quasi três annos. Ninguem já se lembra d'ella, podia forrar-me á humilhação de reparar em publico e razo aquelle aggravo decerto esquecido; porém não me ficava satisfeito o coração. Confessarei, com o adoravel Sá de Miranda na *Ecloga dos Pastores*:

A saudade não se estrece,
Mas caiu-me um coração
Em sorte, que muito empece,
Que outro Senhor não conhece,
Salvo justiça e razão.

E não é justiça, nem razão, que fique sem desaggravo, publico assim como a offensa, a letra *L*, que eu difamei num artigo publicado em 6 de Junho de 1914 neste mêsmo lugar. Cantarei, pois, uma completa palindodia, para socêgo de minha alma e consolação de todas as Lauras de Portugal.

Recordemos as circumstancias do delictio. Numa das *Aventuras do alphabeto* (1.^a serie), discorrendo pelas letras do abcedario, dei mostra de pouco affecto ao *L*. Uma senhora chamada Laura, e que eu não conhecia, protestou, volvendo pela inicial do seu nome. Repliquei então com o acervo de accusações de que hoje me arrependo e faço publica reparação. De mais, que aquella D. Laura, (voltas que o mundo dá!) é hoje minha visinha e parceira nas pacatissimas partidas de suêca dos meus serões profanos.

Que defeitos notei no *L*? Que delictos? Depois de confessar que *todas as letras, qual mais qual menos, tiveram suas aventuras, fraquezas e deslizes* affirmei que *nenhuma tem chronica tão escandalosa como o L.* E os grandes eecandalos são: a) usurpar ás vezes o lugar do *d*, como em *madrileno*; de *madrideno*; b) de jogar de porta com outras letras, ás vezes na mesma palavra, como *palavra* que vem de *parabola*; c) de abandonar suas irmãs, gêmeas fazendo por exemplo *rebelle de rebellis*; d) de estropiar um passaro, fazendo do latim *merulus* o nosso *melro*; e) de fugir, ás vezes das palavras, roubando letras, como o *a* inicial de *botica*, que devia ser *abotica*; f) de entrar onde não é chamada, como na palavra francesa *lierre* (a era) que foi *ierre*, pertencendo o *l* ao artigo (*le ierre, l'ierre, lierre*). g) de ser de difficil pronuncia para homens celebres como Alcibiades, Demostenes e outros lambdacistas.

E nisto se resumem os grandes crimes do *L*. Quem não vê sob que frageis esteios armei o cadafalso em que pretendi justicar o innocente e sympathico *L*? Innocente, sim, e sympathico tambem, porque hoje, curado da cegueira com que o ultrajei ha três annos, provarei que o *L* é até um dos mais sympathicos elementos do alphabeto! E se algum, por esta reviravolta, quiser compararme a qualquer Antonio José d'Almeida, que ora reputa Affonso Costa digno das galés da historia, ora lhe cae nos braços em infimo connubio politico, proclamarei bem alto que só a justiça me move; nenhum interesse, nenhuma ambição, nenhum calculo me inspira esta inergica defeza do *L*.

A futilidade das accusações é evidente. Passo porisso a provar que, sobre futeis, eram injustas, mórmente

se feitas por quem na inicial do seu proprio nome tinha motivo, mais que suficiente, para não atirar pedras!.. ao da vizinha Laura.

Laura não é nome de familia; mas o nome de familia de *frey Gil*, no seculo, começa por *B*; e o *B*, esse sim, é uma letra sob todos os respeitos repugnante, antipathica, desprezivel como um *adhesivo*.

O *B* é de nobre prosapia, e occupava na sociedade alphabetica um lugar de destaque (como se diz agora). Porisso se lê em Diogenes Laercio ter escrito Esichio de Mileto que ao philosopho Erasthotenes lhe chamoram *B*, por elogio, por ser o segundo entre os grandes philosophos do seu tempo, como o *B* é a segunda letra na escala descende da nobreza abcedaria. Mas contemplem-no bem os leitores! E' o verdadeiro typo do adulator, do homem servil e sem character, do adhesivo! Consoante as situações, as conveniencias do momento, o *b* pequeno, enquanto precisa subir, trepar, engrandecer-se, amolda-se ás situações, volta-se para todos os lados, accumulando, como um *tubarão*, os lugares de três outros sons:

<i>b</i>	<i>d</i>
<i>p</i>	<i>q</i>

Grande miseria moral é já esta conducta! Orça, porém, por inegalado cynismo o descôco com que pretendeu justificar, e até honrar esse camaleonismo absorbente, apresentando-se por bocca de um poeta italiano, como symbolo dos corações fortes e constantes! Oçam-no:

Son, como scorgi, un *b*. Ma s'altri in^{giù}
O in fianco mi riversa,
Ognor la stessa (altrui benchè diversa
Io sembri) un *d* m'appello, un *p*, un *q*.
Tal può dall'imo in su
Versar o riversar instabil sorte
Un cor costante e forte;
Che fra mille stravolte e varie tempre
Stabil in se medesimo egli è mai sempre.

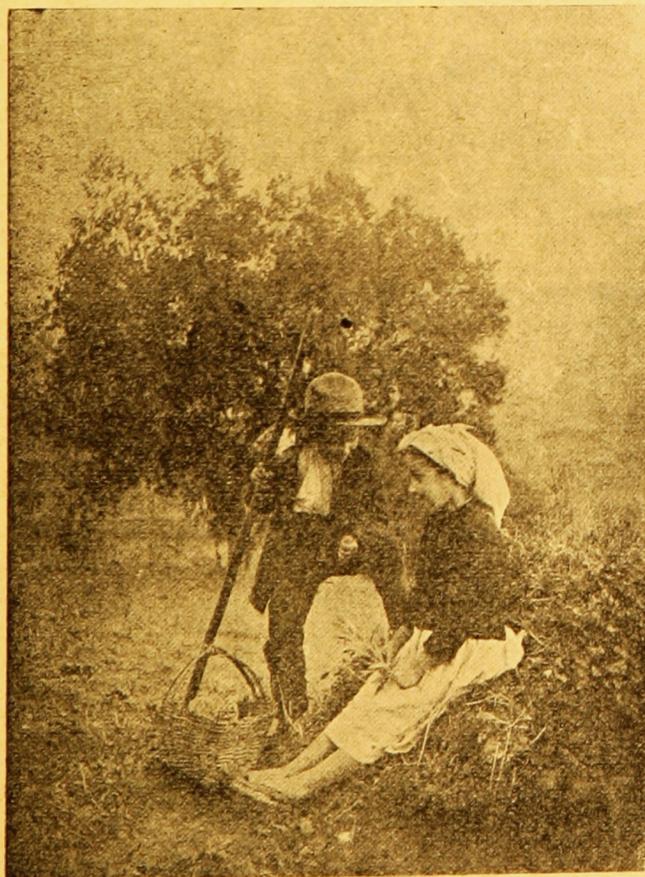
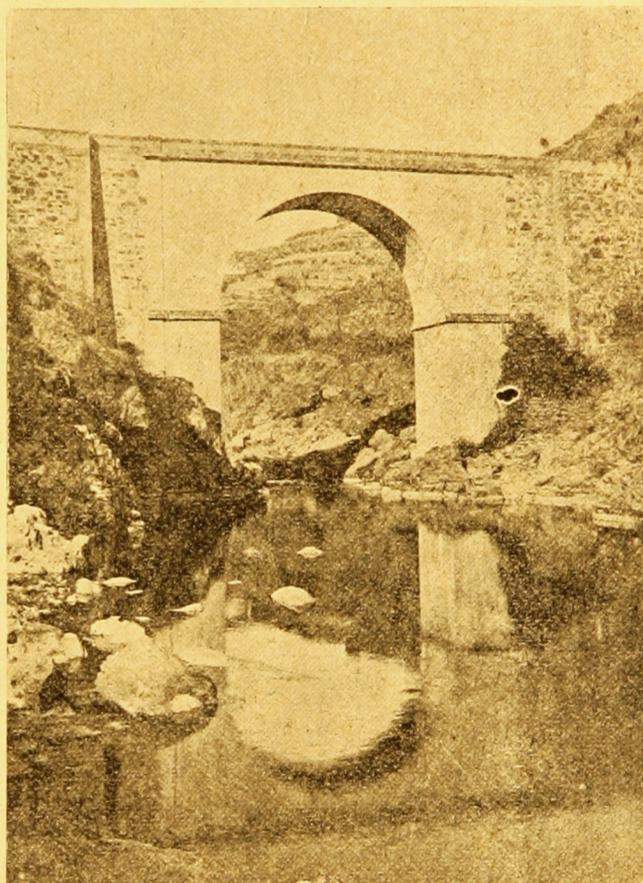
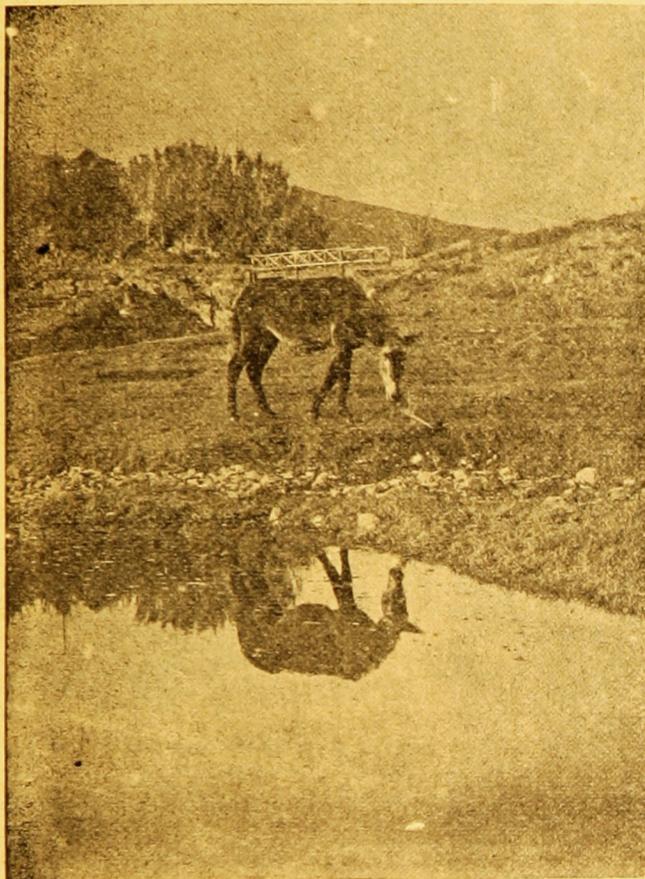
Vale a pena traduzir esta pouca vergonha: *Sou, como vês, um b. Mas se algum me volta para baixo ou de lado, eu, sempre a mesma, (embora a outrem diversa pareça) chamo-me um d, um p, um q. Assim poue de baixo para cima virar e revirar a instavel sorte um coração constante e forte; que entre mil convulsas e varias situações, permanece sempre em si mesmo estavel.*

Que impudor! O que os camaleões da vida rea, que o *B* representa, ficam sempre sendo, no fundo, são os mesmíssimos tratantes, ontem ministros de reis, hoje serventuarios de tyrânêtes democraticos! Notem, para mais eloquente ensinamento, que sô o *b* pequeno assim é, enquanto quer engrandecer-se, engordar; depois de satisfeito e repleto, com as duas barrigas como um açambarcador, o *B* grande já não quer ser symbolo de coisa nenhuma, quer ser só elle, sempre elle!

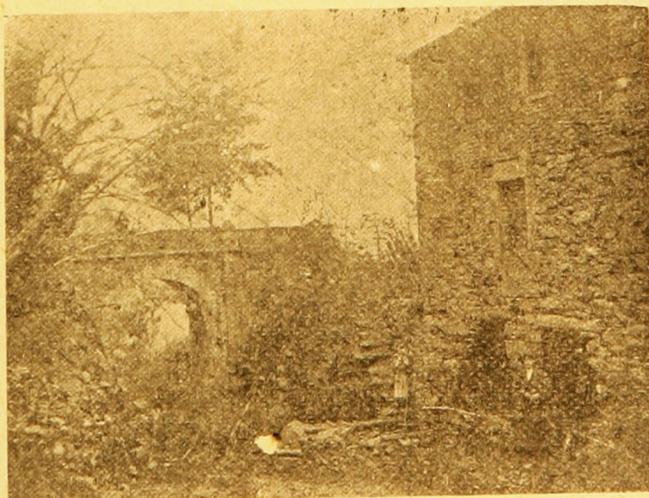
E se não vejã se um Bernardino, com a capital revoltada significa alguma coisa neste mundo: Bernardino.

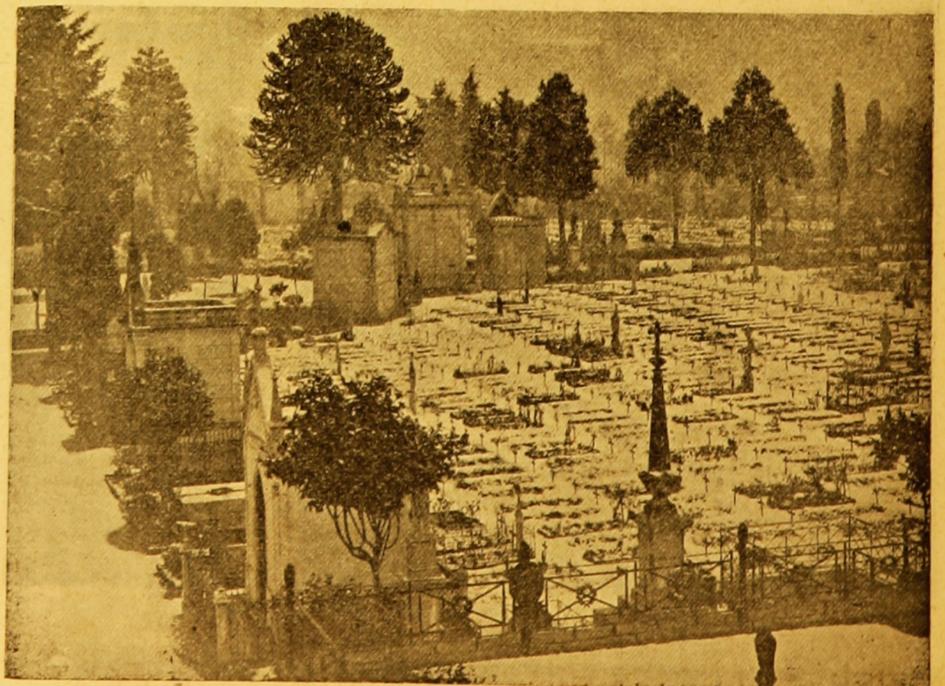
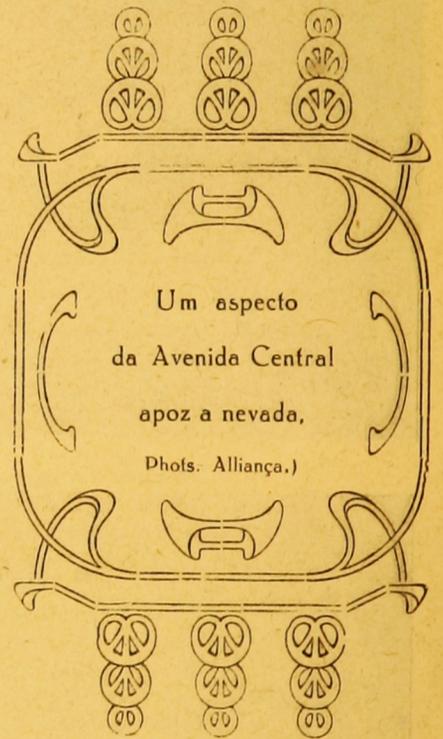
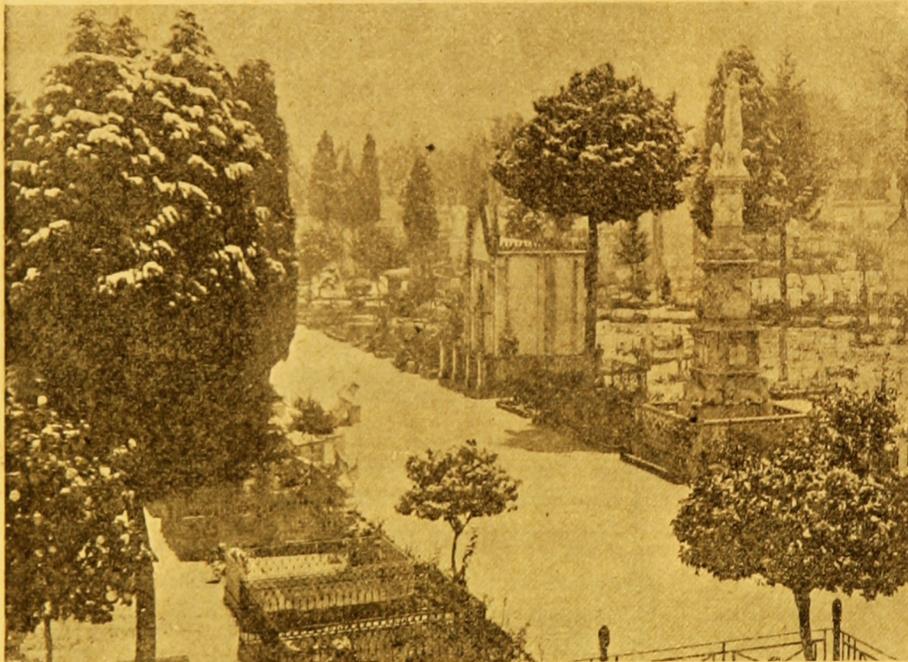
E foi um homem com *B* inicial no nome de familia que se atreveu a abocanhar o *L*, o sympathico, o suavissimo, o benemerito *L*, que lhe podia reforquir, paraphraseando o dicto: *B, cura teipsum!*

Photographias artisticas

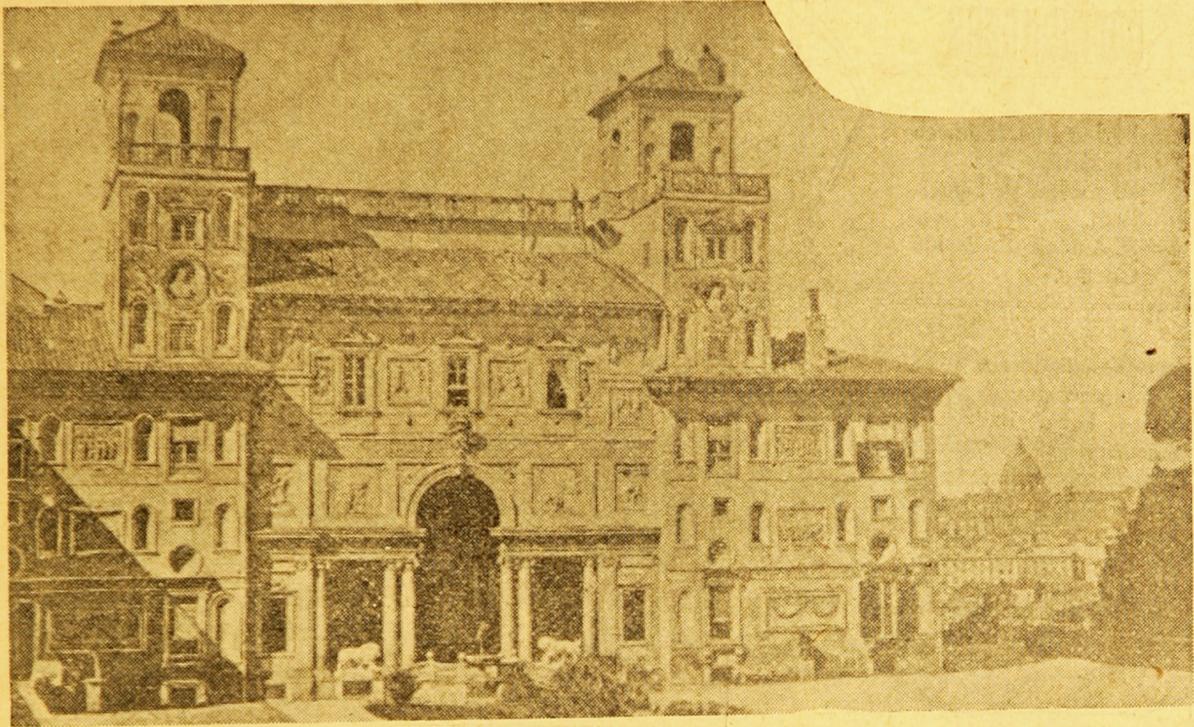


==== Pastando ====
==== Regoa—Ponte da Távida ====
[Phots. de Antonio Teixeira]
==== Idyllo campez ====
==== Penajoia—Moinho e ponte publica ====
[Phots. de Miguel Monteiro]





NEVADA EM ROMA



Bello edificio da Academia de França situado num ponto alto donde se apreciava bem a cidade Eterna coberta de neve no dia 26 de Dezembro de 1917 Havia já perto de 30 annos que não nevava nesta cidade

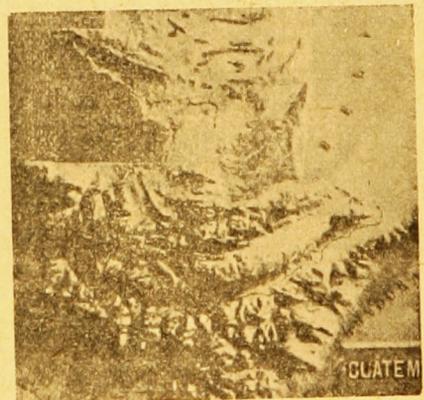
O terramoto em Guatemala



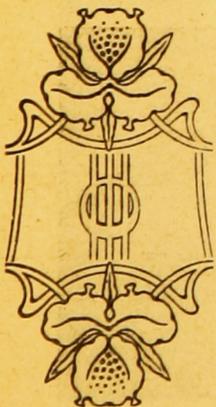
Presidente da Republica de Guatemala

De Washington telegrapharam á imprensa no dia 26 do mez passado, que a cidade de Guatemala, capital da republica do mesmo nome foi quasi toda destruida por um abalo de terra.

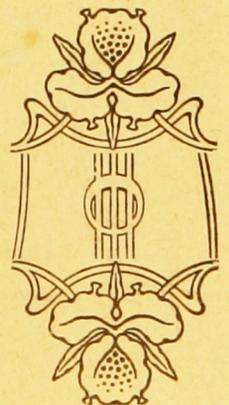
Houve mortes e bastantes feridos e 125.000 pessoas estão sem abrigos.



Mappa em alto relevo da Republica de Guatemala



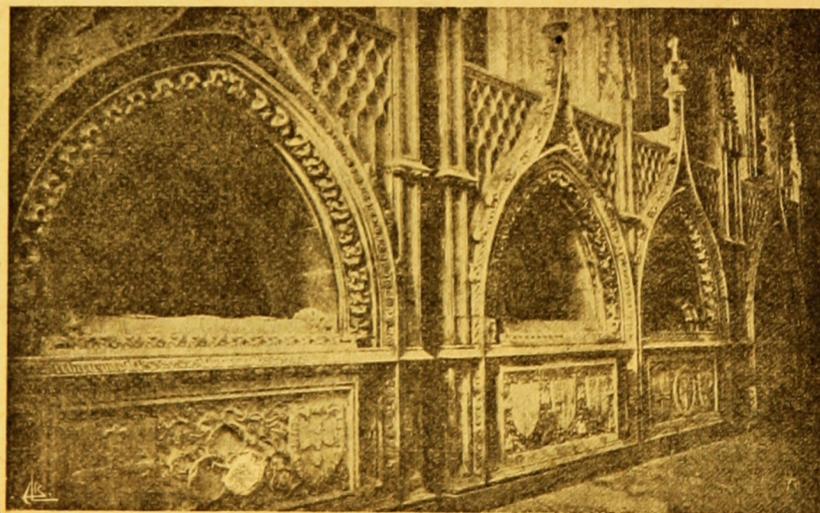
Asylo "Estrella Cabrera,, uma das ruas mais importantes da cidade de Guatemala
Obra benefica do actual presidente da Republica



Capellães militares portuguezes

- 1=P. Jacintho de Abreu da Motta.
- 2=P. Avelino de Figueiredo.
- 3=P. Antonio d'Almeida Coelho.

Estão assistindo aos soldados portuguezes da primeira linha, onde tem mostrado uma heroica dedicação pela salvação das almas dos nossos soldados.



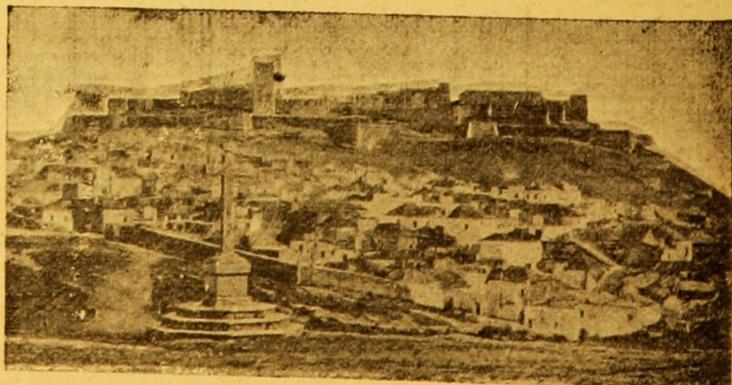
Monumentos Portuguezes

BATALHA
Tumulos dos Infantes



PALMELLA

Uma vista da fortaleza

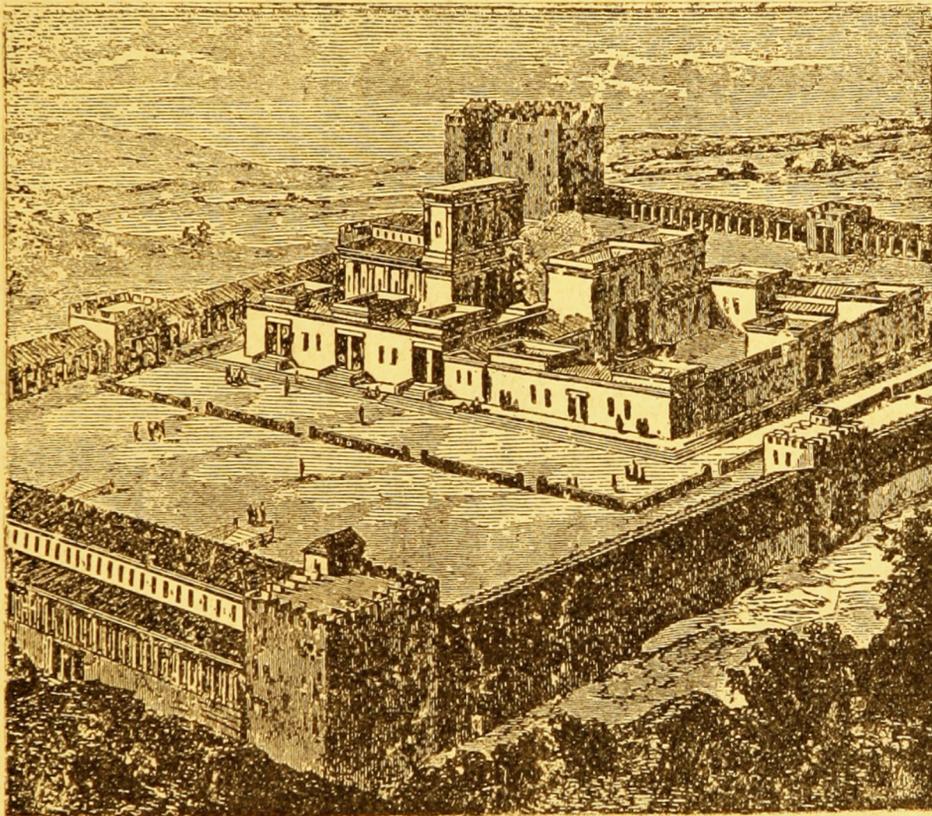


Ainda a tomada de Jerusalem



O rei Jorge V
de Inglaterra, cujas
tropas tomaram parte activa
na tomada de Jerusalem.

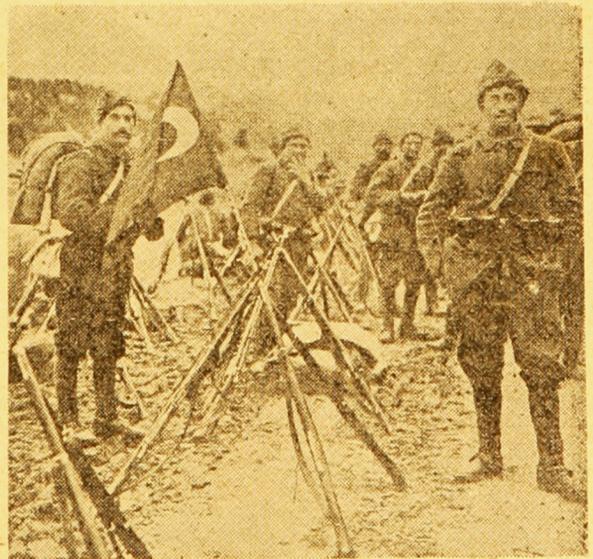
Sultão da Turquia, que
perdeu a posse da Jerusalem.



Grandioso templo de Jerusalem que o imperador Tito destruiu



Soldado das tropas inglezas que tomaram Jerusalem



Soldados turcos que defendiam a cidade

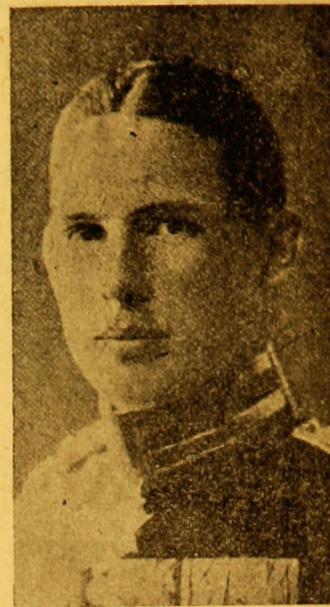


O ex-rei da Grecia e sua filha a princesa Maria

Foi ha dias descoberta pela policia suissa, em Berne, uma conspiração contra a vida d'este principe, que a guerra actual levou a abdicar os direitos á corôa em seu filho.

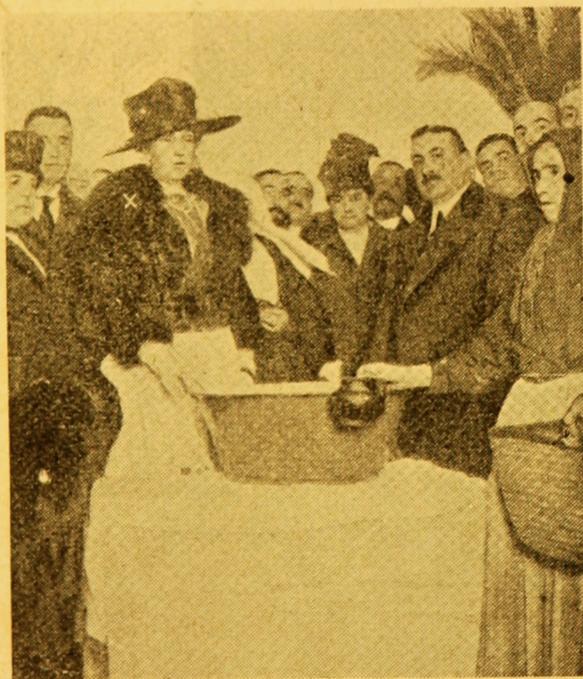
Foram presos varios individuos implicados n'êta conspiração. Fizerem se buscas a muitas casas; encontrando-se em algumas documentos compromittedores.

O pae d'este principe foi tambem assassinado ha annos.



Principe Jorge que actualmente está á frente do governo hilenico

A caridade da soberana hespanhola



A rainha Victoria Eugenia X distribuindo pessoalmente rações de comida aos pobres de Madrid, na Casa de Maternidade por occasião da festa do Natal

SOGROPHOBIA



Elia:—A mamã escreveu-me e diz que vem passar uns dias connosco...

Elle: Bem me palpitava que estava para me acontecer qualquer semsaboria...

QUADROS
XII
A gotta d'orvalho

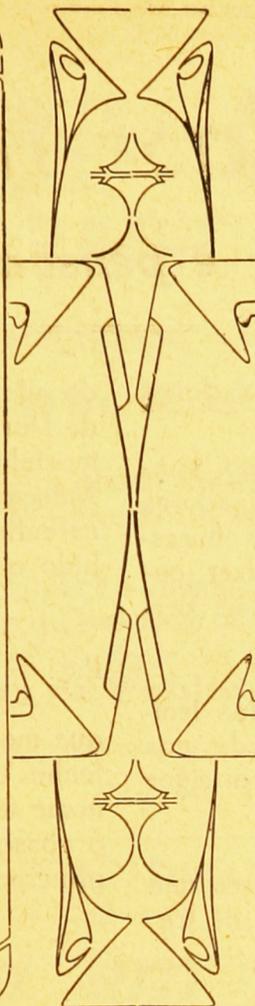
Luiz Dezeseis clamou: — *Sou innocente!*
O algoz espera hirto. Ouviu Pariz!
A voz do Rei que nem assim, maldiz
A ambição e o rancor d'aquella gente.

E dá-se o regicídio, de repente...
A cabeça do impavido Luiz
E' cortada sem dó, pela raiz,
E exposta a escorrer sangue, horrivelmente.

Mas, n'isto, o orvalho põe sobre o monarcha
Uma sô lagrima, e tão pura e mansa.
Que lembra a fina cã d'um patriarcha...

Tão calma, e alguém diria ser vingança;
Tão pura, e toda ella aponta, marca,
As expiações que vem gemendo a França...

José Agostinho.



Prece por Portugal

Virgem Mãe, que immaculada,
Foste em tua conceição,
Por Portugal é invocada
Tua santa protecção.

Cale os gritos de anciedade
Teu prestígio colossal
O' Maria, por piedade,
Salva o nosso Portugal!

Teem cahido em nossa terra
Os flagellos merecidos:
— Crua fome, intensa guerra...
Somos por tudo opprimidos.

Nossa esp'rança é tua bondade,
E' tua benção maternal
O' Maria, por piedade,
Salva o nosso Portugal!

Elvira Neves Pereira.

Ao bandolim do coração
IX
Adeus!

Adeus, adeus! N'esta ausencia
Lembra-te sempre de quem
Com saudosa persistencia
Em ti pensará também.

Que longas vão ser as horas
Que hoje tão ligeiras são!
Tardes serão as auroras,
Noites os dias serão.

Ficas, mas a tua imagem
Irá comigo onde eu fôr.
Encantadora miragem,
Alento do meu amor.

Vou, mas a minh'alma fica
Ao pé de ti a chorar,
Na mágua que a mortifica
Quem na ha de consolar?

Adeus! Que esta despedida
Não seja um adeus final:
Se houver de achar-te perdida
Não voltar é menos mal.

Une o teu peito ao meu peito,
Une os teus labios aos meus.,
N'um abraço, o mais estreito
N'um beijo, o mais terno, e adeus!

Joavelino.



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Ptolomeu e os embaixadores

PTOLOMEU, rei do Egypto, conversando com os embaixadores das sete republicas mais florescentes, convidou-os a dizer cada um tres dos costumes ou leis mais perfeitas do seu Estado.

O embaixador de Roma, disse:

— Temos grande veneração pelos templos, obedecemos com pontualidade aos nossos governadores, castigamos com rigor os delinquentes.

Seguiu-se o de Carthago:

— Em nossa republica os nobres não cessam de combater, os mecanicos de trabalhar, e os philosophos de ensinar.

Fallou assim o da Sicilia:

— Em minha patria observa-se a justiça, negoceia-se com verdade, e todos são eguaes.

Disse o de Rhodes:

— Os anciãos da minha cidade são honestos, os mancebos vergonhosos, as mulheres retiradas e de poucas palavras.

Coube a vez ao de Athenas:

— Não consentimos que os ricos sejam parciaes, os pobres ociosos, e o que governam ignorantes.

O embaixador de Lacedemonia:

— Em Esparta não ha inveja porque todos são iguaes, nem avareza por serem todos os bens communs, nem ocio porque todos trabalham.

E por ultimo o dos Sicionios:

— Não consentimos viajantes que não tragam coisas novas, nem medicos que podem matar os sãos, nem advogados que defendam litigios.

Se todos estes costumes e leis se usassem não precisavam os chinezes de pintar nos tectos das suas casas homens com os pés para cima e a cabeça para baixo, querendo significar que tudo n'este mundo anda torto.

Morte gloriosa

Quando o duque d'Alva, commandante do exercito hespanhol, venceu a D. Antonio, prior do Crato, ás portas de Lisboa a 25

de agosto de 1680, apoderando-se por isso de Portugal o rei Filippe de Espanha, cahiu mortalmente ferido um cavalleiro da casa Mascarenhas. Passando perto D. João Mascarenhas, que era por Castella, e vendo cahido o seu parente disse-lhe:

— Tenho pena de vos vêr assim!

E quiz soccorrel-o. O outro respondeu-lhe:

— Senhor, não ha que ter dó de mim que morro fiel á minha patria, de vós é que tenho dó que haveis deshonrado o vosso nome tão engrandecido em Diu, atraído o vosso principe, a vossa patria, o vosso principe, e os vossos juramentos. E expirou.

Um heroe

Achens e Jaos tinham posto estreito cerco a Maláca, e era tamanho o poder dos silitantes que a prudencia mesma desconfiava do bom successo das nossas armas. O governador da India, Antonio Moniz Barreto, querendo aprontar acceleradamente os recursos, que pareciam impossiveis de se haverem, diz aos moradores de Gôa:

— Portuguezes, trata-se de salvar a patria, tanto maior é o nosso perigo tanto maiores sejam os nossos sacrificios. Eu tenho um filho menino, offereço-o gostosamente á minha patria. São necessarios quinze mil cruzados para conservar Maláca; meu filho seja o penhor de que o emprestimo que fazeis ao Estado vos será fielmente satisfeito.

Duarte Moniz ficou em penhor, Maláca foi conservada, e o governador cumpriu a sua palavra.

Boa troca

Franklin condemnava na presença d'um ministro inglez o costume de mandarem para as colonias os vadios e os criminosos e alegando o politico britannico a necessidade de livrar a metropole d'essa peste da sociedade, o philosopho americano retorqui-lhe:

— E que dirieis vós, senhor, se pela mesma razão nós mandassemos para os vossos campos uma carregação de cobras cascavel ou de capello?

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e marítimos, grêves, tumultos e roubos,
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.
C.º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto-105 1. BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA